

TBR, Marcelo Nino, GLO, Casa Chica, SER, Jorjato Papalicio

## MARCELO NINIO

@marcelo\_ninio  
marceloninio@globo.com.br

## Premier encolhe para China crescer

Tudo na sessão do Legislativo chinês é grandioso, a começar pelo local onde ela é realizada. Aberto em 1959, no 10º aniversário da China comunista, o Grande Salão do Povo cobre uma área de 172 mil metros quadrados no lado oeste da Praça da Paz Celestial, com pé direito de até 46 metros de altura e salões do tamanho de um campo de futebol. Essa imensidão serviu

como o cenário perfeito para o personagem principal.

Encerrado ontem, o encontro anual do Congresso Nacional do Povo (CNP) reuniu quase 3 mil delegados, incluindo membros das 56 minorias étnicas reconhecidas no país, num show de trajes tradicionais cuidadosamente ensaiado para demonstrar a união em torno do Partido Comunista. Entre tantos participantes, não foi surpresa que o único nome que realmente importava era o do líder supremo, Xi Jinping.

Em mais de uma década no topo da pirâmide, já estava mais do que claro que Xi consolidara-se como o líder chinês mais poderoso e centralizador desde Mao Tsé-tung. Ainda assim, o encalço do papel de Li Qiang, o primeiro-ministro, número dois na hierarquia comunista, forneceu mais um indicio de como o universo político e ideológico chinês gira em torno de Xi, e apenas dele.

Não significa que o sistema seja monolítico, longe disso. Há uma infinidade de instâncias de poder abaixo de Pequim, entre elas os governos locais e as estatais, em que há relativa autonomia para criar meios de cumprir as metas anuais

anuais no topo. Foi esse espaço que permitiu o surgimento de um sistema econômico único, que desafia classificações ao combinar o papel do Estado com as forças do mercado. Mas o aumento da concentração de poder em torno de Xi tende a inibir a iniciativa e solidificar a estagnação.

A sensação foi reforçada com a decisão tomada este ano de pôr um fim à entrevista coletiva do primeiro-ministro, rompendo uma tradição de três décadas que encerrava a sessão anual do Legislativo. Era uma ocasião única de ouvir o número dois do Partido encarando perguntas de jornalistas, ainda que fosse um jogo de cartas marcadas, com temas pré-aprovados. Com o cancelamento de surpresa da coletiva, o tamanho do primeiro-ministro encolheu ainda mais, levando à conclusão de que o mesmo deve se estender a seu papel como o responsável pela política econômica.

**Sessão anual do Legislativo reforça papel de Xi Jinping como centro do sistema, num momento de incerteza sobre direção do país**

Na mesma linha, a última sessão do Legislativo aprovou uma emenda que dá mais poderes ao Partido Comunista sobre o Conselho de Estado, o Gabinete chefiado por Li Qiang. A única surpresa foram os cinco votos de oposição, contra 2.883 a favor. Assim como o cancelamento da coletiva do premier, foi um gesto subversivo simbólico, já que o PC sob o comando de Xi já subvertera há tempos o princípio de manter Partido e governo separados. Mas foi mais um passo na escalada dirigida e estabelecida por Xi.

O resultado é incerto. Em seu discurso na abertura do CNP, Li Qiang mencionou Xi Jinping 18 vezes. Nos corredores do Legislativo, delegados sorridentes destacavam a importância de uma liderança forte diante da ameaça de polarização em que mergulharam outros países. Mas em meio à quebra de confiança de parte da população causada pelas dificuldades da economia, o acúmulo de poder nas mãos de Xi também eleva o perigo de que de seja o alvo de insatisfação popular.

É um risco que o líder parece estar disposto a correr, em nome do controle sobre os rumos do país.

## Portugal caminha para governo de minoria

Cálculo político após divulgação dos resultados de domingo aponta para um cenário de fragmentação sem nenhum partido obter maioria, apesar da guinada conservadora no Parlamento, com o crescimento inédito da extrema direita

Com uma guinada à direita revelada pela abertura das urnas nas eleições gerais de Portugal, mas sem nenhuma sigla consolidando ampla maioria na Assembleia da República, as principais forças políticas portuguesas iniciaram, ontem, as negociações para construir uma aliança de governo que liderará o país. Com a margem curta entre os principais concorrentes e o avanço da sigla de extrema-direita, Chega, a postura do novo governo deve ser particularmente sensível, e deixa poucas opções de resolução.

Os resultados provisórios apontam a vitória da Aliança Democrática (AD) — liderada por Luís Montenegro, do Partido Social Democrata (PSD), de centro-direita, em coligação com o Centro Democrático e Social-Partido Popular (direita conservadora) e o Partido Popular Monárquico (PPM) — com 79 cadeiras.

## REJEIÇÃO AO CHEGA

A diferença para o segundo colocado, o Partido Socialista (PS), de Pedro Nuno Santos, foi de 22 assentos. Na terceira posição, o Chega, liderado por André Ventura, foi o partido que mais cresceu, com 48 deputados — 36 a mais do que nas eleições anteriores.

Apenas uma aliança envolvendo dois dos três partidos seria capaz de fazer com que o futuro Gabinete alcançasse mais da metade das 230 cadeiras do Parlamento. Contudo, dife-



Acordo improvável. O líder do Chega, André Ventura, se abraça com o líder da Aliança Democrática. Já prometeu não se aliar à legenda de extrema direita

renças ideológicas e promessas de campanha impedem, ao menos em um primeiro momento, um acordo imediato. A maior distância está entre o PS e o Chega: separados por um abismo ideológico, a chance de uma conversa entre os dois é nula. Principal partido de esquerda do país, o PS também não pretende negociar um governo de unidade com a AD — o líder do partido, Nuno Santos, disse abertamente que a sigla integrará a oposição.

Embora os dois partidos estejam à direita no campo político, um acordo entre a AD e o Chega é quase tão improvável quanto, ao menos inicialmente. Ao longo da campanha eleitoral, Montenegro afirmou que o partido não faria

uma aliança com a extrema-direita, o que voltou a reiterar em seu discurso antecessor.

— Naturalmente, cumprirei a minha palavra — disse sobre o "não" ao Chega. — Nunca faria a mim mesmo, ao meu partido e à democracia tamanha maldade que seria não cumprir compromissos que assumi de forma tão clara.

Por outro lado, o líder da sigla de extrema direita, André Ventura, já demonstrou interesse em integrar o futuro governo. Celebrando o resultado, Ventura classificou a noite como histórica e disse que os portugueses deram uma mensagem clara sobre o destino político do país — pressionando a liderança da AD.

— Só um líder irresponsável

## COMPOSIÇÃO DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA



Fonte: \*Quatro cadeiras ainda em disputa nos círculos de emigração. Resultado previsto para o dia 20 de março. EDITORIA DE ARTE

## Eleito pela ultradireita, brasileiro defende controle da imigração

Marcus Santos disse haver até 1.500 criminosos de facções em Portugal

marcus

Eleito deputado pelo Chega, partido da direita radical de Portugal, o brasileiro Marcus Santos, 45 anos e empresário, defende o controle da entrada de imigrantes no país. Em entrevista ao GLOBO, Santos aponta algumas razões para esse posicionamento: muitos brasileiros chegam a

morar nas ruas, há risco de alta da criminalidade e, no caso de maquilmanos, pode haver um choque com a "cultura judaico-cristã".

O partido Chega defende uma imigração controlada. Não somos contra a imigração, porque em Portugal a população é muito envelhecida e precisamos de jovens para trabalhar. Defendemos que as

pessoas venham para Portugal já com um contrato de trabalho. Há muitos brasileiros que exploram brasileiros — disse.

Um dos fundadores do Chega e há 15 anos em Portugal, Marcus Santos afirmou que um dos principais objetivos de seu partido é proteger os portugueses da criminalidade. Disse que, segundo a Polícia Judiciária portuguesa, há en-



Novo parlamentar. Marcus Santos, eleito deputado pelo Chega em Portugal

tre mil e 1.500 membros de uma conhecida facção criminosa brasileira.

Ele considera que houve um grande crescimento do fluxo

migratório para a Europa, especialmente de maquilmanos, e que se trata de um problema.

— Infelizmente, essas pessoas não têm a mesma cultura

que a nossa, que é judaico-cristã. Há um choque cultural.

Na semana passada, o deputado André Ventura, um dos principais líderes do Chega, afirmou que, se fosse eleito, não deixaria o presidente Luís Inácio Lula da Silva entrar em Portugal. Não foi a primeira vez que Ventura atacou Lula. Perguntado sobre o assunto, Santos afirmou que uma das bandeiras de seu partido é o combate à corrupção.

— Lula, para nosso partido e a direita, é um exemplo do que não queremos em Portugal — disse, afirmando que o ex-presidente Jair Bolsonaro está "plenamente de acordo" com as aspirações da direita portuguesa. (Elaine Oliveira)